* SJ001 Taipi: Um olhar sobre a vida na Polinésia (Herman Melville) (Julia)
  + ~~Orelha~~
  + ~~Resumos~~
  + ~~Quarta capa (trecho)~~
* SJ002 A morte de Ivan Ilitch (Liev Tolstói) (Julia)
  + ~~Orelha~~
  + ~~Resumos~~
  + ~~Quarta capa (trecho)~~
* SJ004 A vênus das peles (Leopold Von Sacher-Masoch) (Julia)
  + ~~Orelha~~
  + ~~Resumos~~
  + ~~Quarta capa (trecho)~~
* SJ007 Notas sobre o anarquismo (Noam Chomsky) (Julia)
  + ~~Orelha~~
  + ~~Resumos~~
  + ~~Quarta capa (trecho)~~

**SJ001 Taipi: Um olhar sobre a vida na Polinésia (Herman Melville)**

**ORELHA**

Embora Melville seja invariavelmente relacionado à sua obra-prima *Moby Dick* (1851)*,* foi *Taipi* (1846), o seu livro de estreia, que o consagrou como um dos mais conhecidos autores norte-americanos. Nessa intrigante narrativa, marcada pela combinação de fato e ficção, de romance e pesquisa etnográfica, o autor revisita sua experiência enquanto cativo nas Ilhas Marquesas, a qual vivenciou após abandonar o baleeiro cuja tripulação integrava. Na ilha Nuku Hiva, na Polinésia francesa, Melville teria sido mantido prisioneiro durante cerca de um mês, convivendo com os nativos, tentando decifrar seus costumes e tradições, e, sobretudo, considerando qual o destino que lhe estaria reservado — tudo isso atravessado por uma barreira linguística intransponível.

Para Bruno Gambarotto, autor da apresentação presente nesta edição, o relato contém, "em estado seminal, ideias fundamentais ao desenvolvimento posterior da obra de Melville", além de aplicar procedimentos frequentes em suas produções literárias, como "o empenho crítico e político diante das situações observadas". Nesse sentido, *Taipi* articula uma "denúncia da catástrofe que se abatia sobre as populações polinésias a partir da ação de europeus e norte-americanos", demonstrando empatia em relação aos nativos da Polinésia, ao mesmo tempo que reconhecendo as diferenças culturais inconciliáveis entre os marinheiros desertores e a população local.

**QUARTA CAPA**

Taipi ou Happar? Uma morte terrível nas mãos dos mais ferozes dos canibais, ou uma agradável recepção de uma raça de selvagens mais gentis? Qual? Já era tarde demais para discutir uma pergunta que logo seria respondida.

**RESUMOS**

**Herman Melville** (Nova Iorque, 1819 – 1891) escritor, poeta e ensaísta norte-americano, é autor de um dos livros mais emblemáticos de literatura de aventura, o célebre *Moby Dick* (1851), considerado um dos romances mais importantes da literatura ocidental. A escrita de Melville baseia-se sobretudo nas suas vivências de marinheiro, as quais lhe proporcionaram um distanciamento que certamente contribuiu para a minuciosa análise que realiza das contradições presentes no seio da sociedade americana. O seu livro de estreia, *Taipi* (1846), um relato ficcional sobre sua experiência com os nativos da Ilhas Marquesas, conquistou vasto sucesso, ganhando até mesmo uma sequência, *Omoo* (1847). Apesar da boa recepção das suas obras anteriores, *Moby* *Dick* (1851) provocou reações contraditórias e foi um fracasso comercial, mesmo destino de *Pierre* (1852). Nos anos seguintes, Melville dedicou-se à escrita de contos para revistas, mais tarde reunidos em uma coletânea intitulada *The Piazza Tales* (1856). Melville também aventurou-se no domínio da poesia. As suas produções poéticas, assim como seus escritos em prosa, serviram-se das expedições marítimas que tomou parte, – como é o caso do poema épico "Clarel: A Poem and Pilgrimage in the Holy Land" (1876), inspirado na vivência do autor no Egito e Palestina – sem, contudo, deixar de contemplar as mazelas da sociedade norte-americana – o que se verifica, por exemplo, no poema "Battle-Pieces and Aspects of the War" (1866), uma reflexão sobre as questões morais da Guerra Civil Americana. Nos últimos anos de vida, procurou regressar à prosa e trabalhou em um manuscrito a que deu o título de *Billy Budd, Sailor, cuja*  conclusão foi interrompida pela morte do autor, em 1891, mas ainda assim foi publicado em 1924 e mais tarde adaptado para os formatos de peça de teatro e ópera inglesa. Sua morte, bem como o centenário de seu nascimento, comemorado em 1919, foram de extrema importância para renovar o interesse pela figura de Melville e reavivar os estudos acadêmicos voltados para sua obra, a qual tinha finalmente ascendido à categoria dos clássicos.

**Taipi**, livro de estreia de Herman Melville, publicado em 1846, alcançou um largo público e consolidou a fama de seu autor como um dos mais célebres escritores norte-americanos. Apesar de servir-se da experiência de Melville nas Ilhas Marquesas, não se trata de um relato puramente autobiográfico, na medida que admite incorporações de detalhes retirados de material bibliográfico, o qual foi literariamente reelaborado pelo escritor. A partir da adaptação imaginativa da sua vivência pessoal, Melville concebe um romance que nos permite acompanhar Toby e seu companheiro de bordo durante a jornada arriscada que empreendem ao desertarem o baleeiro cuja tripulação eles integravam e, principalmente, a estadia desses junto aos mal-afamados taipis, supostamente guerreiros canibais impiedosos.

**Bruno Gambarotto** é tradutor, editor e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Especialista no estudo das relações entre literatura e sociedade e em literatura norte-americana do século XIX, entre as suas atividades enquanto tradutor verificam-se títulos como: *Jaqueta Branca* (Zahar, 2021) e *Moby Dick* (Zahar, 2022), ambos do próprio Melville*,* além de *Frankenstein* (Hedra, 2017), *1984* (biblioteca azul, 2021), *Dias exemplares* (Carambaia, 2019), entre outros.

**SJ002 A morte de Ivan Ilitch**

**ORELHA**

Publicado por Tolstói em 1886, após a conclusão dos monumentais *Guerra e paz* (1863–69) e *Anna Kariénina* (1873–78), ambos reconhecidos como marcos na literatura mundial, *A morte de Ivan Ílitch* mergulha na corriqueira, e por isso mesmo terrível, vida de um funcionário público comum. Nessa narrativa, permeada por ambições mesquinhas e relações regidas por interesses Tolstói tece uma “crítica sutil, salpicada com amaciada ironia”, que, através da existência ordinária do protagonista, “expõe as futilidades e pequenezas de um universo de classe média na Rússia Imperial” – como formula Paulo Pompermaier na introdução desta edição.

Contudo, o que parece ser uma narrativa estagnada na mediocridade cotidiana sofre uma reviravolta quando o Ivan Ílitch se depara com a iminência da morte. Diante do seu inevitável fim, o protagonista não enxerga mais sentido nos seus esforços desmedidos para seguir à risca os protocolos sociais. Condena suas escolhas, que priorizaram a opinião pública, reconhecendo que não passaram de fontes de aborrecimento, em nada contribuindo para sua verdadeira felicidade.

Assim, à medida que Ivan Ílitch se aproxima da morte, a narrativa “vai se esvaindo do relato da pequenez, até que a personagem principal atinge um algo mais sublime”. E nós, leitores, acompanhamos seu movimento, desprendendo-nos gradualmente “do universo cotidiano, mesquinho, ganancioso e pretensioso das repartições, para irmos, paulatinamente, quase como em adágio, ao mais íntimo psicológico de Ivan Ílitch”.

**QUARTA CAPA**

Ivan Ilitch viu que estava morrendo, e seu desespero era constante. No fundo da alma, Ivan Ilitch sabia que estava morrendo, porém não apenas não se acostumava a isso, como simplesmente não entendia, não podia compreender de forma alguma.

**OU**

Aquele exemplo de silogismo que aprendera na lógica de Kiesewetter – Caio é uma pessoa, as pessoas são mortais, logo Caio é mortal – por toda sua vida lhe parecera certo apenas com relação a Caio, mas jamais a si mesmo. Pois Caio era uma pessoa, uma pessoa em geral, e isso era totalmente justo; mas ele não era Caio, nem uma pessoa em geral, e sempre fora em tudo, em tudo diferente de todas as outras criaturas; fora Vânia com a mamãe, o papai, Mítia e Volódia, com os brinquedos, o cocheiro, a babá, depois com Kátienka, com todas as alegrias, pesares, entusiasmos da infância, juventude, mocidade. Por acaso para Caio havia aquele cheiro da bolinha de couro listrada, de que Vânia tanto gostava? Por acaso Caio beijava daquele jeito as mãos da mãe, e por acaso era para Caio que as pregas de seda do vestido da mãe farfalhavam daquele jeito? Por acaso ele protestara por causa de uns *pirojkí* na Escola de Direito? Por acaso Caio se apaixonara tanto? Por acaso Caio podia conduzir audiências daquela forma?

Caio é realmente mortal, e é justo que morra, mas eu, Vânia, Ivan Ilitch, com todos meus sentimentos e ideias, sou outra coisa. Não pode ser que me aconteça de morrer. Isso seria horrível demais.

**RESUMOS**

**Lev Nikoláievich Tolstói** (1828 – 1910), tido como um dos mais influentes escritores do seu tempo, foi o principal representante do realismo russo. Ainda menino, perdeu ambos os pais, sendo educado por tutores e depois por uma tia. Apesar de versado em muitas línguas e filosofias, sua educação foi, sobretudo, autodidata, não tendo concluído sua formação na Universidade de Kazan, na qual ingressou em 1845. Seu primeiro texto, *Infância*, saiu em 1852 na revista *O contemporâneo*. Em 1862, após seu casamento com Sófia Andréievna, deu-se início à fase de seus longos romances, *Guerra e paz* (1863–69) e *Anna Kariénina* (1873–78). Seu último romance foi *Ressurreição* (1889). Embora seja considerado um dos mestre do romance psicológico do século XIX, também aventurou-se por outros formatos, como contos breves, diários e escritos teóricos sobre pedagogia, arte e religião.

**A morte de Ivan Ílitch** (1886), é uma das narrativas curtas mais célebres de Tolstói, publicada pelo escritor quando já dispunha de certo reconhecimento. A trama expõe as futilidades e contradições da classe média da Rússia Imperial, além de acompanhar as reflexões que ocorrem a Ivan Ílitch durante sua jornada em direção à morte. A proximidade e inevitabilidade da morte despertam no protagonista uma postura autoavaliativa, isto é, provocam uma reavaliação dos costumes, valores e decisões que sustentou até então.

**Irineu Franco Perpetuo** é jornalista, tradutor e crítico de música. Autor, entre outros, de *História concisa da música clássica brasileira* (Alameda editorial, 2018). Entre suas traduções, consta *Vida e Destino*, de Vassili Grossman (Ed. Alfaguara, 2014, Prêmio Jabuti de Tradução).

**SJ004 A vênus das peles (Leopold Von Sacher-Masoch)**

**ORELHA**

A Vênus das peles foi publicado originalmente em 1870, e narra pela primeira vez, com detalhe e clareza, a submissão sexual e existencial, ao mesmo tempo dolorosa e prazerosa, servil e libertária (pois se trata de servidão voluntária), de um homem a uma mulher - o que demonstra que muitas obras da literatura erótica contemporânea têm, na verdade, vários tons de conservadorismo.

A obra de Sacher-Masoch e, em particular, A Vênus das peles, ao contrário, é indissociável da sociedade e da cultura modernas - em que a liberdade e a realização individuais se alimentam reciprocamente. Pois não há virtualmente nada que seja vedado a um adulto consciente no Ocidente contemporâneo - com a necessária restrição da antiga "Regra de Ouro": não fazer a ninguém aquilo que você não quer que lhe façam.

Como o fazer e o querer só podem ser compreendidos com o conhecimento das motivações e das consequências, o direito de fazer consigo próprio e com o outro o que se queira - desde que este também seja o desejo do outro -, exclui e excluirá sempre as crianças; mas excluídas as crianças e os adultos que estejam sob qualquer forma de coerção, e não no pleno exercício de sua liberdade (ainda que se trate da liberdade de servir às próprias paixões), nada é amoral. Pois a amoralidade é a negação da moralidade, e não há mais uma moralidade dominante a ser confrontada.

A Vênus das peles não é apenas a obra fundamental do masoquismo. Ela é também uma das obras fundamentais da cultura contemporânea. Prova disto é que uma das formas da glória literária é ter o nome transformado em palavra comum, normalmente um adjetivo (dantesco, shakespereano etc.). Raros são os casos em que o nome de um autor se torna um substantivo - ou seja, não uma qualidade, mas uma coisa. Isto acontece quando a obra descreve algo que estava, por qualquer motivo, ainda por ser nomeado. É o caso de Sade e do sadismo. É, também, o caso de Sacher-Masoch e do masoquismo.

No mundo contemporâneo há muitos nomes novos, pois existem muitas coisas novas: internet; zíper; plástico. Mas a existência do sadismo e do masoquismo pode ser demonstrada antes da criação destes nomes. Em tais casos, o nome novo não nasce da novidade da coisa nomeada - mas sim do ineditismo de sua condição sociocultural.

O sadismo, o masoquismo e inúmeras outras práticas hoje conhecidas, reconhecidas e nomeadas, entre as quais o fetichismo, o travestismo e o próprio homossexualismo - antes conhecido como "o amor que não ousa dizer seu nome" - ousam nomear-se quando deixam de ser negados e renegados como manifestações de pecado ou perversão,

Jorge Sallum

**QUARTA CAPA**

Os golpes me atingiam rápidos e vigorosos, com terrível violência, sobre as costas, braços, pescoço, eu cerrava os dentes para não gritar. Então passou a me acertar no rosto, e o sangue jorrou quente, mas Wanda ria, sem se deter.

**RESUMOS**

**Leopold von Sacher-Masoch** (Lemberg, 1836-Mannheim, 1895), romancista e jornalista austríaco, nasceu na Galícia, província polonesa então anexada ao Império Austro-Húngaro. Em 1848, muda-se com a família para Praga, onde se destaca nos estudos. Ingressa mais tarde na Universidade de Praga, transferindo-se depois para Graz, onde conclui seu doutorado em Direito em 1855, com apenas 19 anos. Começa a ensinar história alemã no ano seguinte, mas logo abandona a docência para se dedicar exclusivamente à literatura. Seu primeiro trabalho publicado, um estudo historiográfico sobre a rebelião de Ghent, datado de 1857, é recebido com reservas no meio acadêmico, criticado por seu tom romanesco. Com a publicação de *Falscher Hermelin* (*O falso arminho*, 1873), no qual descreve sua conturbada relação sadomasoquista com Anna Kottovitz, obtém certa notoriedade nos círculos literários. Fascinado desde a infância por cenas de crueldade e execuções, bem como por tudo que dizia respeito à Antiguidade clássica, Sacher-Masoch produziu uma obra marcada pela reflexão sobre o amor e a disputa entre os sexos. Em 1895, começa a sofrer de crises de demência e é internado em um sanatório de Mannheim, onde falece pouco depois.

**A vênus das peles** (1870) é parte do ciclo de romances *O legado de Caim* (4 vols., 1870--1877), o mais ambicioso projeto literário de Sacher-Masoch, que faleceu antes de completá-lo, e com o qual pretendia abordar as vicissitudes da condição humana. *A vênus das peles* é o primeiro romance a descrever o relacionamento e a fantasia sadomasoquistas de forma explícita e detalhada. É importante notar que este romance foi quase todo elaborado a partir de reminiscências de eventos reais, vivenciados pelo autor. Praticamente apenas os nomes próprios e os das cidades são trocados. A elaboração dessa obra representa também a tentativa de recriar no plano da ficção algumas das fantasias que Masoch não pode realizar em seu romance com Fanny Pistor. Obra exponencial da literatura erótica, inaugurou não apenas o gênero do masoquismo erógeno, mas serviu de base e estudo de caso para muitos estudos psicanalíticos posteriores que abordaram a perversão (ou a fantasia) sadomasoquista.

**Saulo Krieger** é formado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e cursou psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Tradutor e ensaísta, especializou-se na tradução de textos sobre psicologia e psicanálise, sendo colaborador assíduo da revista *Mente e cérebro*. Traduziu *Cultura psicanalítica*, de Ian Parker (Ideias e Letras, 2006) e *Após o fim da arte*, de Arthur Danto (Edusp/Odysseus, 2006).

**Flávio Carvalho Ferraz** é psicólogo pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), onde obteve também os títulos de mestre, doutor e livre-docente. Psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo, é autor de diversos livros, entre os quais *Perversão* e *Tempo e ato na perversão*, ambos publicados pela Editora Casa do Psicólogo.

**SJ007 Notas sobre o anarquismo (Chomsky)**

**ORELHA**

Em uma compilação inédita, *Notas sobre o anarquismo* reune oito entrevistas e dois artigos de um dos maiores intelectuais vivos da esquerda, Noam Chomsky. Partindo de clássicos como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Rudolf Rocker, Chomsky defende suas posições sobre o anarquismo, e afirma uma concepção significativamente eclética e antidogmática, cuja filiação ideológica seria proveniente de uma união entre o socialismo e o liberalismo.

Chomsky defende como princípio fundamental do anarquismo a luta e combate às estruturas autoritárias de poder, responsáveis pela dominação em todos os níveis. Por isso, critica severamente o socialismo de Estado, levado a cabo pelo marxismo de inspiração leninista, que restringiu severamente os espaços de liberdade, reforçando instituições como o Estado e os partidos. Discutindo estratégias de lutas populares – as quais, segundo acredita, devem conciliar as lutas por reformas, e portanto de curto prazo, com a busca de um horizonte revolucionário de longo prazo –, Chomsky sustenta posições pragmáticas de ganhos em relação às empresas e ao Estado. Nesse sentido, assume posições que surpreendem aqueles que têm uma visão homogênea do anarquismo, como a ideia de que o Estado precisaria, por vezes, ser reforçado, visando impedir “tiranias ainda piores”, estabelecidas pelos poderes privados das corporações capitalistas, “que vêm atacando os progressos que foram conseguidos em benefício da democracia e dos direitos humanos”.

**QUARTA CAPA**

Eu me encantei pelo anarquismo ainda bastante jovem, assim que comecei a pensar no mundo para além de uma perspectiva bastante limitada, e não vi muitos motivos, desde então, para modificar aquelas antigas atitudes. Creio que o anarquismo só tem sentido ao buscar e identificar estruturas de autoridade, hierarquia e dominação em todos aspectos da vida, e questioná-las; e a não ser que se justifiquem, estas estruturas são ilegítimas e devem ser desmanteladas,

visando a extensão da liberdade humana.

**RESUMOS**

**Noam Chomsky** (Filadélfia, 1928) é analista político e professor de Linguística no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Além do trabalho na área de linguística, Chomsky é reconhecido internacionalmente como um dos maiores intelectuais vivos da esquerda, tendo publicado centenas de artigos e livros que abordam temas como mídia, movimentos sociais, política e economia global. Muito cedo, já aos dez anos de idade, escreveu um texto sobre a Revolução Espanhola, que lhe abriu as portas para um contato mais aproximado com o anarquismo, o qual, já nos anos seguintes, o influenciaria significativamente,fazendo com que se assumisse um socialista libertário.

Iniciou seus estudos em linguística e filosofia em 1945 na Universidade da Pensilvânia e chegou a viver algum tempo em um kibbutz, em 1953. Nos anos 1950, iniciou o desenvolvimento de sua teoria sobre a “gramática gerativa”, a qual teve um profundo impacto no campo dos estudos linguísticos, fundamentalmente por meio da obra *Estruturas sintáticas* (Edições 70, 1980), de 1957. Também formulou a chamada “Hierarquia de Chomsky”, uma classificação das linguagens formais a partir de seu poder gerativo. Ingressando no MIT em 1955, tornou-se professor titular em 1961, posição que ocupa até os dias de hoje. Adquiriu grande importância e notoriedade a partir da década de 1960 com o artigo “A responsabilidade dos intelectuais”, publicado em 1969 no livro *O poder americano e os novos mandarins* (Record, 2006) --- uma compilação de artigos críticos à política externa dos Estados Unidos, particularmente levada a cabo na Guerra do Vietnã ---, que destaca Chomsky entre os intelectuais dissidentes da esquerda norte-americana. Escreveu, também, sobre o papel propagandista da mídia, publicando, com Edward S. Herman, em 1988, \textit{Manufacturing Consent [A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia]} (Futura, 2003). Ainda que constantemente ameaçado de morte por razão de seus escritos políticos, Chomsky segue escrevendo e publicando permanentemente no mundo todo. Dentre seus livros publicados no Brasil, estão: *11 de setembro* (Bertrand Brasil, 2003), *Contendo a democracia* (Record, 2003), *O império americano* (Campus, 2004), *Para entender o poder* (Bertrand Brasil, 2005), *O lucro ou as pessoas* (Bertrand Brasil, 2006), *O governo do futuro* (Record, 2007) e *Razões de Estado* (Record, 2008).

**Notas sobre o anarquismo** é a maior compilação de Noam Chomsky já publicada sobre o assunto. Contando com oito entrevistas e dois artigos, o livro expõe pontos de vista acerca das bases ideológicas que fundamentam sua análise e sua proposta estratégica de transformação social.

**Alexandre Samis** é doutor em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor do Colégio Pedro II. É autor dos livros *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil* (Imaginário Achiamé, 2002), e *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos* (Letra Livre, 2009).

**Anarc** reúne obras escritas pelos expoentes da corrente libertária do socialismo, em sua maioria inéditas em língua portuguesa. Importante base teórica para a interpretação das grandes lutas sociais travadas desde a segunda metade do século XIX, explicitam a evolução da ideia e da experimentação libertárias nos campos político, social e econômico, à luz dos princípios federalista e autogestionário.

**Um altar que se coma: ensaios da agrofloresta, Ana Luiza Braga**

**ORELHA**

Diante da iminente catástrofe ambiental e planetária, tornou-se imprescindível pensar em formas capazes de mudar os mecanismos de aceleração da degradação do meio ambiente. Se a sustentabilidade é por muitos adotada como solução, Braga, citando Krenak, a denuncia como um mito “inventado por corporações para justificar o assalto que fazem à relação com a natureza”, sendo “necessário fabricar e recompor outras ferramentas – que não as do senhor – para prosseguir ao desmonte da gramática que estrutura sua economia-mundo.”

É neste contexto que *Um altar que se coma* demonstra um embate: de um lado a agricultura monocultural e extrativismo, e de outro a dimensão ecológica das espacialidades e socialidades dos povos tradicionais. Estruturados em consideração à prática da agrofloresta sucessional e a partir de vínculos entre “os estudos da subjetividade e as práticas agroflorestais”, estes ensaios acompanham os “movimentos pulsionais que impelem ao ressurgimento da floresta e à multiplicidade virtual”.

Buscando “outras redes invisíveis de relacionalidade”, aproxima-se o ímpeto de desmatamento da desenfreada expansão capitalista e os modos de atuação e dominação das práticas colonialistas, reconhecendo o “capinar e queimar a sujeira” como um procedimento comum aos dois regimes. Estes também compartilham as investidas de uniformização nas dimensões vegetais e étnico-sociais, comprometendo a “recomposição de mundos multiespécie, demandada pelas pulsões da floresta” e, portanto, a sucessão natural de vida que surge dessa diversidade cíclica e interdependente.

A tentativa de aniquilação da multiplicidade manifesta-se de várias maneiras na esfera social: através, por exemplo, das investidas de apropriação de terras de povos tradicionais para pecuária, monocultura e extrativismo. Ou da imposição de modos de vida homogêneos, que desconsideram as crenças e culturas dos povos originários. Ou então a imposição da língua portuguesa em 1758, e exigência de processos de nomeação e estabelecimento da posse de terras por parte destes povos indígenas e quilombolas — o que se contrapõe à suas culturas orais e prescreve uma noção de propriedade e mercadoria estranhas a essas comunidades.

Desde os tempos da colonização europeia, a resistência de “uma vida que não se sujeita e ressurge, insistentemente, na tendência à irredutível multiplicidade das formas” é anunciada nas “práticas espirituais e cosmológicas” desempenhadas por comunidades, povos, trabalhadoras e trabalhadores adversos aos modos de existência atrelados à monocultura e formas análogas de dominação do território. Nos seus modos de habitar a terra e, sobretudo, nas suas práticas agroflorestais, assenta-se um “contínuo exercício de produzir diferença”, estabelecendo “práticas de regeneração necessárias a habitar e compor a terra com alteridades”.

**QUARTA CAPA**

Plantar é um gesto que transcende a caça e a coleta, ao manipular o mundo para permitir que ele seja recolhido. E a ecologia é um gesto que transcende o plantio ao vê-lo de fora, impondo uma “estratégia” sobre ele. O plantador é um coletor invertido, e o ecologista, um plantador invertido. O agricultor é um nômade invertido, o ecologista é um agricultor invertido. O caçador faz um catálogo do mundo imprevisível (redes). O agricultor força o mundo a uma ordem (campos cultivados). O ecologista vê o mundo como relação (como oikós). A transcendência é o conteúdo do gesto do caçador, a forma do gesto do agricultor, e a estratégia do gesto do ecologista.

**OU**

Na encruzilhada entre as demandas de existência de mundos que o Antropoceno busca aniquilar e o reconhecimento científico e jurídico-estatal das urgências sociais e ecológicas, Cadena descreve o antropocego, (*anthropo-not-seen*): a presença pública de seres coletivos que a política ocidental moderna não é capaz de reconhecer, e que as disciplinas da biologia e da geologia não são capazes de exaurir. O “não visto” (*not seen*) não se refere apenas a um regime de visibilidade, mas mais precisamente a “uma condição de impossibilidade hegemônica, formulada historicamente”. São

existências que afrontam a ordem colonial e seus termos secularizados na gramática política ocidental. O antropocego, assim, não trata da resistência dos seres humanos subalternos, excluídos e invisibilizados, mas da “desobediência do composto pessoa-com-isso com quem o humano (seja cristão ou moderno) não podia ser”. Monstruosas para o Estado, essas composições relacionais desobedecem aos postulados modernos de especiação e individuação, fissurando o “acervo de pressupostos” da modernidade sobre aquilo que existe.

**Trechos:**

A agrofloresta sucessional — isto é, o cultivo simultâneo de plantas alimentícias e florestais, combinadas de maneira que as diferentes arquiteturas e ciclos de vida dos

vegetais se complementem e se sucedam, como ocorre na floresta tropical — requer a afinação contínua de sensibilidades aptas à recomposição de mundos multiespécie, demandada pelas pulsões da floresta. As tentativas de maquinar com as múltiplas relações materializadas na produção de habitabilidade terrena se encontram em diferentes práticas nos campos da educação, das artes e da organização comunitária; na busca transtornada de comunidades, povos, trabalhadoras e trabalhadores que enfrentam cotidianamente os regimes históricos de subjugação e aniquilação no Brasil.

Diante da implacável contingência que caracteriza esses tempos de catástrofe planetária, o exercício de reparar (n)a terra, materializado por ecologias e praticantes situados, compõe um mundo onde cabem muitos mundos, como na invocação zapatista.

Capinar e queimar a “sujeira” tem sido, desde o início da colonização europeia, o procedimento de praxe no tratamento das paisagens e solos tropicais. A monocultura agrária e afetiva do sistema de plantation depende da imposição de *terra nullius*, “a natureza sem reivindicações emaranhadas”: “Os emaranhamentos nativos, humanos e não humanos, devem ser extintos; refazer a paisagem é uma maneira de se livrar deles”. Segundo Anna Tsing, a alienação e a intercambialidade regulam toda existência na remodelação expansível de mundo a que a plantation se pretende, oposta a qualquer diversidade biológica e ontoepistemológica. Terras que jamais foram mercadorias para povos que sempre as habitaram são sobrescritas ilegitimamente como terra de ninguém num velho enquadre romano; os modos nômades de viver da terra que não incluem a propriedade alienável são anulados e seus territórios são traduzidos como inabitados, obliterando suas formas de composição e assembleia multiespécie, convertidas em recursos do colonialismo ultramarino.

No entanto, como na síntese de Krenak, se o mito da sustentabilidade foi inventado por corporações para justificar o assalto que fazem à relação com (aquilo que chamamos de) a natureza, será necessário fabricar e recompor outras ferramentas – que não as do senhor – para prosseguir ao desmonte da gramática que estrutura sua economia-mundo.

O percurso desses textos acompanha movimentos pulsionais que impelem ao ressurgimento da floresta e à multiplicidade virtual, convocando intervenções em gramáticas mais oportunas para traduzir as transformações nas paisagens do presente. Esses sentidos homônimos da pulsão se atravessam nas urgências comuns de ecologias praticadas, que suscitam vínculos localizados no contínuo exercício de produzir diferença.

As alturas e os altares da floresta, suas gentes, pássaros e ancestres figuram aqui como forças de continuidade, implicadas nas práticas de regeneração necessárias a habitar e compor a terra com alteridades.

a sucessão natural como força motriz para ciclar e incrementar nutrientes orgânicos e inorgânicos

A pulsão sintrópica, um pensamento que se move com as categorias da vida e a partir delas, se dá em exercícios que comungam com a diferença emergente, gerando condições materiais e de sensibilidade para uma vida que não se sujeita e ressurge, insistentemente, na tendência à irredutível multiplicidade das formas.

As sociedades contra a *plantation* desertavam o modo de habitar colonial através de práticas espirituais e cosmológicas, experimentadas em dimensões corporais e materiais heterogêneas, fundamentais ao restabelecimento e à rememoração em meio à perseguição colonial.

Nessa síntese, “plantar significa cavar buracos para transformar o imprevisível em inevitável”, impondo uma ordem humana a um ambiente externo, a fim de produzir uma confusão ontológica entre natureza e arte, “entre o que é dado e o que é feito”.

O gesto de plantar árvores tampouco alteraria a cena. Para Flusser, a transformação da figura do caçador-coletor em agricultor no Neolítico teria operado uma inversão necessária do nomadismo, “uma transformação da existência em seu oposto”, que

teria habilitado a espécie humana a habitar um mundo artificial, em que as ciclicidades da natureza são usadas para forçá-la “a negar a si própria”. Nessa narrativa, plantar é “o gesto histórico por excelência”: a raiz violenta da propriedade e da guerra no

seio da gananciosa passividade humana.

Plantar é um gesto que transcende a caça e a coleta, ao manipular o mundo para permitir que ele seja recolhido. E a ecologia é um gesto que transcende o plantio ao vê-lo de fora, impondo uma “estratégia” sobre ele. O plantador é um coletor invertido, e o ecologista, um plantador invertido. O agricultor é um nômade invertido, o ecologista é um agricultor invertido. O caçador faz um catálogo do mundo imprevisível (redes). O agricultor força o mundo a uma ordem (campos cultivados). O ecologista vê o mundo como relação (como oikós). A transcendência é o conteúdo do gesto do caçador, a forma do gesto do agricultor, e a estratégia do gesto do ecologista.

Na encruzilhada entre as demandas de existência de mundos que o Antropoceno busca aniquilar e o reconhecimento científico e jurídico-estatal das urgências sociais e ecológicas, Cadena descreve o antropocego, (anthropo-not-seen): a presença pública de seres coletivos que a política ocidental moderna não é capaz de reconhecer, e que as disciplinas da biologia e da geologia não são capazes de exaurir. O “não visto” (not seen) não se refere apenas a um regime de visibilidade, mas mais precisamente a “uma condição de impossibilidade hegemônica, formulada historicamente”. São

existências que afrontam a ordem colonial e seus termos secularizados na gramática política ocidental. O antropocego, assim, não trata da resistência dos seres humanos subalternos, excluídos e invisibilizados, mas da “desobediência do composto pessoa-com-isso com quem o humano (seja cristão ou moderno) não podia ser”. Monstruosas para o Estado, essas composições relacionais desobedecem aos postulados modernos de especiação e individuação, fissurando o “acervo de pressupostos” da modernidade sobre aquilo que existe.